

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

PATRICIA PRACHEDES RAMOS DE OLIVEIRA

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Aracaju-SE
2014**

PATRICIA PRACHEDES RAMOS DE OLIVEIRA

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia

Orientadora: Prof. Ma. Priscila Randow.

**Aracaju-SE
2014**

PATRICIA PRACHEDES RAMOS DE OLIVEIRA

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Priscila Christina Borges Dias Randow

Prof. Ma. Josenita Costa de Souza

Aprovado (a) com média: _____

Aracaju (SE), _____ de _____ de _____

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

* Patrícia Prachedes Ramos de Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo analisar como ocorre a avaliação na Educação Infantil, buscando aquela que mais contribua para a eficiência do processo de ensino-aprendizagem. Para se chegar ao fim, foram feitos alguns questionamentos de pesquisa: Como realmente devemos avaliar na Educação Infantil? Por que existe uma necessidade de avaliar as crianças? Será que as experiências diárias contam como avaliação? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, numa perspectiva qualitativa. As informações obtidas demonstraram que a Educação Infantil teve na sua trajetória a criação de creches que funcionavam como depositários de criança e não possuía função educativa. Esse caráter assistencialista só foi rompido com as políticas de Educação Infantil e proteção à infância que garantem não só o acesso à Educação Infantil, como também orientam os professores quanto às especificidades, quer seja afetiva, cognitiva e emocional, que as crianças necessitam pedagogicamente. Os resultados apresentados comprovaram também que na Educação Infantil os processos avaliativos devem ser pautados na organização pedagógica docente e principalmente na capacidade do professor de estar atento às descobertas, potencialidades e a forma como as crianças pensam nessa fase tão especial da vida. Para isso, são necessários espaços pedagógicos adequados, um planejamento que contemple as especificidades e as necessidades da idade, além de um modelo de avaliação que valorize o cotidiano e o registro. Essas ações são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia, criatividade e conhecimento.

Palavras-chave: Educação Infantil; Criança; Avaliação.

ABSTRACT

This article aimed to analyze how evaluation occurs in early childhood education, seeking the one who more contributes to the efficiency of the teaching-learning process. To reach the end, were made some research questions: how should really evaluate in early childhood education? Why is there a need to assess children? Does the everyday experience count as evaluation? The methodology used was bibliographical research, a qualitative perspective. The information gathered showed that early childhood education had on his career creating crèches that functioned as Trustees of child and did not have an educational function. This paternalistic character was only broken with the policies of early childhood education and childhood protection that ensure not only access to early childhood education, but

* Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Amadeus/SE. E-mail: patriciaiansa@hotmail.com

also guide teachers as to the specifics, whether affective, cognitive and emotional, that children need pedagogically. The results proved that in early childhood education evaluation processes should be based on pedagogical and teaching organization mainly on the ability of the teacher to be aware of the findings, potential and the way kids think at that stage so special of your life. For this, appropriate pedagogical spaces are required, what planning peculiarities and the needs of the age, in addition to an evaluation model that enhances the everyday and the registry. These actions are fundamental to the development of autonomy, creativity and knowledge.

Keywords: Early Childhood Education; Child; Evaluation.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação na educação infantil se constitui em desafio que merece aprofundamento teórico, reflexões e discussões. Nesse contexto, essa pesquisa irá discutir a importância do método de avaliação na Educação Infantil e assim refletir sobre as conquistas alcançadas pelo educando. Através do método, o educador pode saber se sua metodologia está progredindo. Outro aspecto importante é mostrar que a avaliação não é um método de cobrança, como também não só se avalia através de provas escritas.

Para a educação infantil de 0 e 5 anos é necessário que os educadores discutam e divulguem os resultados dessas avaliações feitas, fazendo com que os educadores busquem conhecer e compreender a aplicabilidade dos instrumentos de avaliação utilizados por eles e qual a contribuição desses métodos de ensino-aprendizagem para a construção do conhecimento, uma vez que avaliação significa estar relacionada ao modelo político pedagógico vigente. O interesse por essa pesquisa é de encontrar a melhor forma para avaliar, principalmente crianças nas séries iniciais.

Segundo Libâneo, “a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar o processo de ensino e aprendizagem” (1994, p. 195).

De acordo com vários teóricos, a avaliação se destina a obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento das crianças e ampliação de seus conhecimentos. Nesse sentido, avaliar não é apenas medir,

comparar ou julgar, e sim, a avaliação constitui-se em desafiar e merece um aprofundamento teórico de reflexões e discussões.

Para Kramer (1993), comumente, não só na Educação Infantil, mas também nos demais níveis do sistema escolar, os avaliados são única e excepcionalmente os alunos e alunas. Mas é preciso avaliar criticamente essa prática, pois o fato de os alunos e alunas serem o único "objeto" da avaliação revela a estrutura de poder e autoridade da grande maioria das instituições escolares.

Dentro dessa problemática surgem alguns questionamentos, como: Como realmente devemos avaliar na Educação Infantil? Por que existe uma necessidade de avaliar as crianças? Será que as experiências diárias contam como avaliação?

Desta forma, esse artigo teve como objetivo geral analisar como ocorre a avaliação na Educação Infantil, buscando aquela que mais contribua para a eficiência do processo de ensino-aprendizagem. Teve os seguintes objetivos específicos: verificar quais as tendências pedagógicas que embasam a avaliação na educação infantil; examinar quais os instrumentos da legislação que fundamentam a avaliação na educação infantil; e analisar os objetivos e metodologias dos instrumentos de avaliação na educação infantil.

Também cabe ressaltar que pesquisas envolvendo a educação infantil são fundamentais para o campo da educação, uma vez que a socialização de estudos e reflexões contribui para a distinção entre os pontos comuns e as diferenças existentes e necessárias entre os segmentos da educação infantil e do ensino fundamental.

Para a construção desse artigo foi utilizado uma pesquisa de abordagem qualitativa com objetivo exploratório, buscando clarificar a temática. O procedimento técnico utilizado para a coleta de dados é o da pesquisa bibliográfica, a partir de material já publicado, composto principalmente de livros, revistas e artigos científicos.

Segundo Marconi e Lakatos (2008),

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias é a que especificamente interessa a este trabalho, trata-se de levantamento de algumas das bibliografias mais estudada em forma de livros, revistas, publicações avulsas, sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que já foi escrito sobre determinado assunto, com objetivo de permitir ao cientista poder analisar ou manipular suas informações com outras bibliografias já publicadas (p. 43).

A análise dos dados contou com uma discussão crítica acerca do tema, através da leitura da literatura pertinente, de modo que sejam alcançados os objetivos propostos para a temática.

Justifica-se esta pesquisa pela importância que uma avaliação tem desde a Educação Infantil, tanto para o ensino, como para o desenvolvimento individual de cada aluno, mostrando o verdadeiro valor de uma avaliação e como ela deve ser realizada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Tendências Pedagógicas

As tendências pedagógicas determinam o papel do homem e da educação no mundo, na sociedade e na escola, o que reflete na prática docente em sala de aula, graças a informações construtivas que envolvem o ato de ensinar e de aprender.

Para Freire (2001), o formador é o sujeito em relação a quem ele considera o objeto, que informa, e o educando o objeto por ele formado, considerando como um paciente que recebe os conhecimentos, conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são transferidos.

A transformação da escola acompanha as alterações da sociedade, sendo a primeira fundamental que serve à segunda, como base de equilíbrio e como ponto de apoio para se projetar (TEIXEIRA, 1975).

Com isso, Libâneo (1994) logo aponta que todos os significados sociais se constituem na dinâmica das relações.

Libâneo (1994) esclarece ainda a importância de o professor ter uma compreensão global do processo educativo, principalmente de suas manifestações no domínio da escola. É importante entender as aparências sociopolíticas da escola na dinâmica das relações sociais.

Para ter essa compreensão global, o professor não pode se afastar da pesquisa, mesmo sendo no âmbito escolar, como afirma Luckesi (2001):

[...] a possibilidade efetiva de desenvolvimento de pesquisa de vários tipos, até da mais rigorosa pesquisa acadêmica, mesmo nas nossas escolas. É verdade que elas não representam a situação comum das escolas da rede pública no país, como já ficou dito. Mas, guardadas

as devidas distâncias, creio que podemos, a partir de seu estudo, discutir um pouco o estado atual da questão do professor-pesquisador e seu saber, tal como vem sendo apresentada por alguns dos seus estudiosos (p. 14).

O que vemos na atualidade é uma reprodução dos valores da classe dominante. O professor-pesquisador pode proporcionar aos seus alunos uma maior discussão e problematização da realidade e prepará-los para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais.

2.2 A avaliação no processo de aprendizagem

A avaliação é um tema constante em nosso dia-a-dia, na prática escolar, na interação cotidiana, em casa, em nossa trajetória profissional, durante o lazer. A avaliação sempre se faz presente e inclui um julgamento de valor sobre nós mesmos, sobre o que estamos fazendo, sobre o resultado de trabalhos (LUCKESI, 1999).

Segundo Wikipédia, a enciclopédia livre, diz que:

A avaliação é um processo é uma tarefa didática necessária e permanente no trabalho do professor, ela deve acompanhar todos os passos do Processo de Ensino e Aprendizagem. É através dela que vão sendo comparados os resultados obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos, conforme os objetivos propostos, a fim de verificar progressos, dificuldades e orientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação insere-se não só nas funções didáticas, mas também na própria dinâmica e estrutura do Processo de Ensino e Aprendizagem (WIKIPÉDIA, 2014).

Atualmente a avaliação é entendida como um processo dinâmico, contínuo e sistemático, componente do processo de ensino aprendizagem. Devemos buscar diferentes formas de realizar a avaliação na educação Infantil, como uma maneira de acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem e ajudar as crianças em suas maiores dificuldades. Na Educação em geral há uma realidade em que quando se fala em “avaliação” vem em mente a palavra “prova”, pois a nota ainda é vista como uma “verdade” onde percebe se a criança aprendeu ou não. Devemos mudar nossa prática, avalia-la no decorrer das atividades em sala de aula e buscar novas estratégias, não usando a avaliação como sinônimo de julgar, mas sim, como sinônimo de ajudar no desenvolvimento das habilidades e dificuldades das crianças.

Para Gadotti (1991, p. 16) “a avaliação é essencial à educação. Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação”.

A avaliação pode ser um instrumento precioso de diagnóstico e diálogo, sendo um momento de reflexão do professor sobre o processo de aprendizagem e sobre as condições oferecidas por ele para que ela possa ocorrer. Assim, caberá a ele investigar sobre a adequação dos conteúdos escolhidos, sobre o tempo e ritmo imposto ao trabalho tanto quanto caberá investigar sobre as aquisições das crianças em vista de todo o processo vivido, na sua relação com os objetivos propostos.

Nessa perspectiva, segundo Gadotti (1991) a avaliação não se encerra com a qualificação do estado em que está o educando. É tarefa permanente do professor, instrumento indispensável à constituição de uma prática pedagógica e educacional verdadeiramente comprometida com o desenvolvimento das crianças.

Um educador que não avalia constantemente a ação educativa, no sentido indagativo, investigativo do termo, instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais.

Entende-se que a avaliação se faz necessária para que possamos refletir questionar e transformar nossas ações. Acreditar em um processo avaliativo mais eficaz é o mesmo que cumprir sua função didático-pedagógica de auxiliar e melhorar o ensino/ aprendizagem.

2.3 Os tipos de Avaliação

Apresentamos os seguintes tipos de avaliação presentes na educação brasileira, como forma de contextualização para o entrosamento da avaliação na Educação Infantil.

2.3.1 Avaliação formativa

A avaliação formativa ocorre ao longo do ano, através de acompanhamentos ao lado da criança no decorrer de suas atitudes. Nessa concepção de avaliação o professor ajuda o aluno a desenvolver suas capacidades cognitivas, detectando suas dificuldades e ajudando a superá-las fornecendo informações onde a criança utilizará ao longo de sua vida.

Segundo Perrenoud (1999):

A avaliação é formativa quando o professor contribui para a regulação das aprendizagens no sentido de domínio, numa concepção particular dos 21 objetivos, da aprendizagem ou da intervenção didática, não esquecendo que é preciso de um aprendiz, um professor para organizar e gerir as situações didáticas (p. 75).

Essa avaliação não tem como objetivo qualificar ou escolher a criança como a “melhor”, mas colaborar em seus processos de aprendizagens expressivas. Devemos analisar o que se ensina, unindo a avaliação no mesmo processo de ensino aprendizagem, colaborando para o desenvolvimento da competência dos alunos. O educador deve conhecer melhor a sua criança, conhecer seus interesses e adaptar o seu processo de ensino, com as informações que obtém dela durante o processo, só assim, o educador sabe o nível de informação daquela criança, com isso faz sua avaliação de forma consecutiva, e auxiliando quando apresenta mais dificuldades. Ao fim de uma atividade, cabe ao educador fazer uma apreciação e reflexão sobre o sucesso adquirido em funções dos objetivos antevistos em seu planejamento, averiguando se esses objetivos foram obtidos pelas crianças.

Perrenoud (1999) afirma que a ideia de avaliação formativa sistematiza em levar o professor a observar mais metodicamente os seus alunos, a compreender melhor suas maneiras de ser.

Observamos em Brasil (1998) que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (p. 23).

Para que o educador possa propiciar situações de aprendizagem, é necessária a observação, pois é muito importante o educador observar sempre o seu aluno, pois diante dessas observações, pode acomodar um novo aprendizado. Esse processo avaliativo arrisca o educador ser criativo, e realizar papéis onde

forneça o avanço dos alunos, seja por meio de observações educativas, que expressem a construção do conhecimento, e prosseguir no seu desenvolvimento.

Segundo Brasil (1998), a avaliação formativa, não deve avaliar a criança, mas as situações de aprendizagem que foram oferecidas, percebendo se as suas aprendizagens estão vinculadas às oportunidades e experiências que foram oferecidos a ela. O professor deve fortalecer o interesse do aluno na busca de novos conhecimentos, propondo caminhos e incentivando-os para seus novos aprendizados. Perrenoud (1999, p. 101) afirma que “avaliação formativa apresenta-se sob a forma de uma regulação interativa, isto é, de uma observação e de uma intervenção em tempo real, praticamente indissociáveis das intervenções didáticas propriamente ditas”.

Nesta avaliação a observação é fundamental e a base para o educador poder ajudar a criança a entender e se desenvolver, tomando parte desse processo no sentido educativo. Nesta concepção de avaliação busca-se crescer em uma educação de qualidade dando oportunidades e respeitando as crianças, sendo tratados todos iguais e ajudando em suas dificuldades e preparando-as para o futuro melhor e de qualidade.

2.3.2 Avaliação Classificatória

Essa compreensão de avaliação é usada na escola em geral como aparelho para medir a competência da criança usando a “nota” para verificar se ela alcançou o resultado. A avaliação classificatória é uma perspectiva de avaliação onde a nota verifica a essência de padrão de rendimento no que as crianças são checadas entre si o desempenho de cada uma.

Segundo Hoffmann (2000, p. 22) “a avaliação classificatória se resume à decisão de enunciar dados que comprovem a promoção ou retenção dos alunos”.

Este tipo de avaliação não leva a criança a aprender para a vida, mas sim, para importância de uma aprendizagem memorizada, onde estuda não para aprender, mas para obter uma prova ou um trabalho. A finalidade dessa concepção de avaliação é considerar a criança para aprovação ou reprovação.

Conforme Melchior (1999):

No entanto, a escola exige um resultado e ele passa a preocupar-se com a avaliação apenas com a função de controle. Assim,

afinalidade da avaliação fica descaracterizada. Avalia-se para atribuir um resultado e o aluno estuda para obter uma nota. A decorrência desse ciclo é o receio que os estudantes, em geral, têm de avaliações e especialmente, de exame escolar. Pois, quando a avaliação é feita apenas com função de controlar, são apreciados somente os momentos avaliativos, representados por um teste, trabalhos em grupo ou individuais. Ou o que é ainda pior: o professor atribui-lhe um valor qualquer, sem uma fundamentação, sem que o aluno tenha mínima ideia de como foi avaliado (p. 20).

A preocupação dos professores nessa percepção não é avaliar os seus processos de aprendizagens, e verificar as suas dificuldades para uma possível mudança, mas sim, as suas preocupações são de como avaliar para impor uma nota de acordo com a execução da criança nos dias de provas e trabalhos, podendo o professor tirar proveito do método da observação para verificar seu aprendizado todos os dias durante o transcorrer das aulas.

Melchior (1999) afirma que:

O professor que não se preocupa em fazer registros dos desempenhos (eu/ou dificuldades) de seus alunos, durante o processo, não terá condições de ser justo na emissão de um resultado para cada aluno. Assim, a avaliação realizada de forma desvinculada do processo, além de, não cumprir suas funções didático-pedagógicas e de diagnóstico, ainda pode cometer injustiças, atribuindo resultados que não correspondem aos desempenhos dos alunos (p. 20).

Quando o professor faz seus apontamentos diários, fica mais fácil verificar se a criança está aprendendo, principalmente na educação infantil. Na avaliação formativa, é utilizado o registro diário a fim de verificar se seu aluno está progredindo ou tendo dificuldades para um novo aprendizado. Com base nesse procedimento, o professor tem um acompanhamento do ano inteiro de como foi o desempenho das crianças suas facilidades e dificuldades. Na visão da avaliação classificatória esse método não seria utilizado, pois ela exerce uma função de domínio de selecionar os alunos em “bons e ruins”.

De acordo com Brasil (1998):

A intervenção do professor é necessária para que, na instituição de educação infantil, as crianças possam, em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos etc. Para isso, o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças

de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc., das crianças com as quais trabalha respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização (p. 30).

Na instituição de educação infantil, a intromissão do professor é essencial, a fim de averiguar as dificuldades que os alunos se encontram, e que podem ser melhoradas, desenvolvendo suas capacidades de interagir como o meio social.

Diante da avaliação classificatória, não podemos usá-la como referência, pois ela é um meio de qualificar a criança, não servindo como utensílio didático, uma vez que não interfere no desenvolvimento das crianças, em seu crescimento para a autonomia.

É importante pensar nas formas avaliativas, pois a maior preocupação ao desenvolver sua ação pedagógica, é conseguir com que o professor possa propiciar momentos de interação entre professor/aluno, onde o professor possa entender e contribuir no desenvolvimento das crianças de forma significativa.

2.3.3 Avaliação Diagnóstica

Para Kraemer (2006) a avaliação diagnóstica é baseada em averiguar a aprendizagem dos conteúdos propostos e os conteúdos anteriores que servem como base para criar um diagnóstico das dificuldades futuras, permitindo então resolver situações presentes.

Nesse olhar, percebeu-se que o papel da avaliação diagnóstica objetiva averiguar os conhecimentos antes adquiridos pelo educando, propiciando assim, assimilar conteúdos presentes que são compartilhados no processo ensino aprendizagem.

Blaya (2004) ao reportar-se a avaliação diagnóstica destaca que:

Avaliação Diagnóstica tem dois objetivos básicos: identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem. No entanto, os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não devem ser tomados como um "rótulo" que se cola sempre ao aluno, mas sim como um conjunto de indicações a partir do qual o aluno possa conseguir um processo de aprendizagem (s/p).

Ao pensar sobre a colocação da avaliação diagnóstica, a ênfase dada é identificar os conteúdos e competências, objetivando saber qual nível encontra-se o aluno, bem como destacar que o seu principal foco não é voltado à nota, mais em um diagnóstico para compreender o processo da produção do conhecimento.

Ao referir-se sobre a avaliação diagnóstica, Gil (2006) revela que:

constitui-se num levantamento das capacidades dos estudantes em relação aos conteúdos a serem abordados, com essa avaliação, busca-se identificar as aptidões iniciais, necessidades e interesses dos estudantes com vistas a determinar os conteúdos e as estratégias de ensino mais adequadas (p. 247).

Nesse repensar, evidenciou-se que a avaliação vem modificando-se ao longo dos tempos, com implicações incorporadas cada vez mais de procedimentos avaliativos que propiciam um resultado mais eficaz.

2.4 LDB: uma lei flexível

Conforme as orientações da LDB nº 9394/96, explica que a avaliação venha ter informações e auxílios capazes de beneficiar o desenvolvimento das crianças e a aumento de seus conhecimentos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sancionada em dezembro de 1996, estabelece, na Seção II, referente à educação infantil, artigo 31 que: “[...] a avaliação far-se-á mediante o acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (BRASIL, 1996, p. 59).

Assim fazendo com que a flexibilidade da lei LDB venha colocar a qualidade do ensino acima de qualquer formalidade burocrática, criando condições legais para que as escolas possam organizar para alcançar os objetivos da escolarização.

No entanto, para que isso venha a ocorrer é preciso alterar radicalmente a concepção de ensino, de aprendizagem – e aqui cabe mencionar o artigo 24, do capítulo II, que trata da organização dos níveis Fundamental e Médio. No inciso V, fica estipulado que a verificação do rendimento escolar deve (BRASIL, 1996):

- Ser continuada, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

- Permitir a aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- Possibilitar avanço nos cursos e nas séries, mediante verificação do aprendizado;
- Aproveitar estudos concluídos com êxito;
- Fornecer, obrigatoriamente, estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

A LDB toma posição contra o fracasso escolar e a diminuição da qualidade da educação. E assim espera-se que os educadores verifiquem com frequência os avanços e dificuldades dos seus educando, dando-lhes suporte do ensino aprendizagem. Todo ensino de boa qualidade começa e termina com uma avaliação.

2. 5 A avaliação na Educação Infantil

É preciso alertar que as diretrizes legais constituídas sobre a avaliação na Educação Infantil, nas últimas décadas, advertem intimamente que essa prática não venha a cometer em caráter de aprovação e reprovação das crianças a relação do ensino regular, de maneira a afirmar o acesso de todas ao Ensino Fundamental.

A avaliação é importante em qualquer etapa educativa, pois se trata de um componente particularmente sensível de qualquer proposta curricular e exige uma competência especial dos profissionais da educação. (ZALBAZA, 2006; KRAMER, 1993).

Neste contexto, avaliar constitui-se em uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve estar diretamente ligada a transformações radicais das estruturas escolares ao processo de ensino e aprendizagem, conforme explica Libâneo (1994).

Para os RCN existe uma preocupação muito grande na avaliação da Educação Infantil, pois muitos professores têm feito avaliações muito rígidas para as crianças, contribuindo para o aumento das diferenças nas camadas sociais, sendo expostas sempre a vários julgamentos (BRASIL, 1998). O RCN diz:

Existem ainda no Brasil práticas na educação infantil que possuem um entendimento equivocado da avaliação nessa etapa da educação, o que vem gerando sérios problemas, com consequências preocupantes, sobretudo, para as crianças de determinadas

camadas da sociedade. A mais grave é a existência das chamadas “classes de alfabetização” que conferem à educação infantil o caráter de terminalidade. São classes que atendem crianças a partir de seis anos, retendo-as até que estejam alfabetizadas. As crianças que frequentam essas classes não ingressam na primeira série do ensino fundamental, até que tenham atingido os padrões desejáveis de aprendizagem da leitura e escrita. A essas crianças têm sido vedado, assim, o direito constitucional de serem matriculadas na primeira série do ensino fundamental aos sete anos de idade. Outras práticas de avaliação conferem às produções das crianças: notas, conceitos, estrelas, carimbos com desenhos de caras tristes ou alegres conforme o julgamento do professor. A avaliação nessa etapa deve ser processual e destinada a auxiliar o processo de aprendizagem, fortalecendo a autoestima das crianças (BRASIL, 1998, p. 59).

Para os RCN, a avaliação é entendida, prioritariamente, como um conjunto de atuações que ajudam o professor a pensar sobre as qualidades de aprendizagem apresentadas a cada aluno e ajustar seu método às necessidades apresentadas por todas as crianças. A partir do momento que o professor consegue perceber a necessidade de cada aluno, ele consegue elaborar as suas atividades de acordo com sua turma e propor situações de aprendizagem significativa. O RCN continua dizendo que a função do professor na avaliação é: “acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo” (BRASIL, 1998, p. 59).

Uma verdadeira avaliação formativa é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada com o que isso supõe em termos de meios de ensino, da organização, de organização do grupo-aula, até mesmo de transformações radicais das estruturas escolares (PERRENOUD, 2000).

Segundo o Referencial Curricular Nacional:

A observação e o registro se constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática. Por meio deles o professor pode registrar, contextualmente, os processos de aprendizagem das crianças; a qualidade das interações estabelecidas com outras crianças, funcionários e com o professor e acompanhar os processos de desenvolvimento obtendo informações sobre as experiências das crianças na instituição. Esta observação e seu registro fornecem aos professores uma visão integral das crianças, ao mesmo tempo em que revelam suas particularidades (BRASIL, 1998, p. 58).

Para o RCN, a avaliação deve ser feita no dia a dia, por meio de registros, rodas de conversa para que o professor acompanhe o desenvolvimento do aluno diariamente e possa perceber o seu desenvolvimento.

Quando se busca a humildade, o mais sábio é ser bastante abstrato e dizer, por exemplo, que os professores devem dominar os saberes a serem ensinados, ser capazes de dar aulas, administrar uma turma e de avaliar (PERRENOUD, 2000).

Para Luckesi (*apud* LIBÂNEO, 1994), a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho.

Alguns pesquisadores como Jussara Hoffmann, Vital Didonet, Sônia Kramer e Miguel Zabalza apontam em pesquisas e estudos que a avaliação na prática deste segmento é influenciada por modelos ou tendências de ensino que se misturam, configurando uma ação que carrega traços do ensino fundamental, onde prevalecem velhos estereótipos e preconceitos.

Jussara Hoffmann (2006) diz também que:

Primeiramente, é preciso alertar que as diretrizes legais estabelecidas sobre a avaliação na Educação Infantil, nas últimas décadas, recomendam fortemente que essa prática não venha a incorrer em caráter de aprovação das crianças á semelhança do ensino regular, de maneira a assegurar o acesso de todas ao Ensino Fundamental (p. 23).

Hoffmann (2006) indica que há um paradigma de avaliação pautado na classificação dos alunos, que se guia pelo modelo do “transmitir-verificar-registrar”, sem considerar as especificidades do desenvolvimento infantil.

Já Kramer (1993, p. 95) afirma que “é necessário que a clássica forma de avaliar, buscando os erros e os culpados, seja substituída por uma dinâmica de avaliação capaz de trazer elementos de crítica e de transformação ativa para o nosso trabalho”.

Embora a avaliação seja uma exigência legal, ela é ainda um tema mal abrangido e que necessita de discussões.

Segundo Claudia Davis e Marta Wolak Grosbaum (2002, p. 102), “a avaliação é algo muito importante na escola. Sem ela, não é possível manter a qualidade do ensino, pois os alunos poucos dedicados acabam prejudicando os demais”. Ninguém pode dizer que avaliou bem, se um aluno, que não dominou os conteúdos previstos no currículo escolar da série que cursou passar para a seguinte. E se você passa de ano gente que não deveria, acaba trabalhando com turmas

heterogêneas, indisciplinadas, o que é ruim para a escola e, em especial, para o professor.

Compreender-se que a prática de avaliar é extensa e não se abrevia ao único objetivo, vai além do alcance, posicionando-se contrária à ação avaliada, propiciando uma tomada de disposição.

De acordo com a ótica de Sant'Anna avaliação é “um processo pelo qual se procura identificar, aferir, Investigar e do educador, do sistema confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático” (1998, p. 29-30).

O método de avaliação que vem sendo ampliada nas nossas instituições de ensino nos manda a uma posição de poucos avanços. Não tem sido utilizada como elemento que ajude no processo ensino aprendizagem, perdendo-se em mensurar e quantificar o saber, deixando de identificar e excitar as potencialidades individuais e coletivas.

A avaliação desperta tanta oposição na maior parte das pessoas porque, de acordo com a tradição, ela tem sido usada como uma ferramenta de controle para adequar as características dos indivíduos às exigências de determinadas situações ou ocasiões. Mais a causa não é da avaliação, e sim do uso que dela se faz. Na verdade, avaliar é condição essencial da ação intencional. Se programarmos algo, com definidos objetivos, como saber se os resultados almejados foram alcançados?

É assim que a avaliação nos mostra se a escola e os educadores estão cumprindo seu papel e proporcionando educação de qualidade. Por isso é parte essencial do trabalho docente, um instrumento do planejamento escolar. E a avaliação não pode ser vista e nem usada como arma para chantagear ou punir o avaliado, seja ele o aluno ou o professor. Ao contrario, o objetivo é analisar e centrar esforços para que esses problemas sejam superados. A intenção da avaliação educativa é de provocar modificações específicas nos educadores, em seu comportamento, ideias, valores e crenças para com seus educando.

Nos espaços escolares o que aguardamos é que os alunos aprendam e que os professores instruam melhor; que os pais compartilhem mais da escola. Por isso sempre que pensamos em mudança, é preciso pensar também em avaliação.

Na medida em que a educação ganha espaço, a avaliação ganha importância. Existem hoje percepções teóricas e muitas práticas distintas acerca do

que é avaliar. Por isso é preciso que haja clareza sobre o que entendemos por avaliação, suas metas e intenções. A avaliação do desempenho dos alunos, por exemplo, deve ser obtida como uma ferramenta a serviço da aprendizagem.

O que os docentes têm por avaliação é que através dela se tem uma melhor compreensão do princípio de ensino, e do conhecimento de nossos alunos, e assim podemos explicar a respeito de seus pontos fortes e fracos, dos conteúdos que merecem mais atenção, onde precisam empregar mais esforços. Avaliar nesse sentido permite a tomada de consciência de como estamos nos saindo.

Vindo dessa hipótese, avaliação não incide em só avaliar o aluno, mas todo o argumento escolar na sua totalidade, permitindo fazer um diagnóstico para medicar todas as dificuldades do processo de aprendizagem, no sentido teórico e prático.

Segundo Hoffmann (2005):

O educador ao lidar com a avaliação escolar deve ter em mente a necessidade de colocar em sua prática diária novas propostas que visem a melhoria do ensino, pois a avaliação é parte de um processo e não um fim em si e deve ser utilizada como um instrumento para a melhoria da aprendizagem dos educando (p. 29).

Não há como negar que na avaliação, as disciplinas usam como critérios as notas e todas atribuem conceitos diferenciados para cada atividade, dependendo do grau de valoração de cada uma, de acordo com critérios colocados somente pelos professores. A avaliação é feita de forma a qualificar o aluno num certo estágio de desenvolvimento.

A criança é um ser igualitário que nasce com habilidades afáveis, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interatuar e aprender com elas de forma que possa incluir e influenciar seu ambiente. Aumentando suas semelhanças sociais, influência em forma de conversa, elas sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais com diferentes crianças e adultos, cujas espertezas e captações da realidade também são diversas.

Assim o processo ensino-aprendizagem ocorre de forma gradual consecutiva, cumulativa, integrativa, porém não se sabe como avalia-lo, ou seja, como provocar a constatação da aprendizagem, do educando.

A autora Hoffmann é uma das poucas que teorizam sobre a avaliação na Educação Infantil e é uma menção essencial para essa discussão. Ela protege a

obrigação urgente de uma prática mais reflexiva e informada de como os alunos aprendem e se desenvolvem para que a avaliação na Educação Infantil, não termine por corresponder à conexão da exclusão e do julgamento precoce e descontextualizado dos alunos. Hoffmann (2001):

Afirma que sem dúvida, a avaliação, na educação infantil, [...] passa a exigir [...] uma investigação dos reflexos sofridos do modelo de controle, vigente no ensino regular, que atrelado à finalidade de controle das famílias sobre a eficiência da instituição, acaba por comprometer seriamente o significado dessa prática em benefício ao processo educativo (p. 10).

A autora ainda enfatiza que a maioria dos instrumentos de avaliação privilegia um registro dirigido aos pais ou à instituição, relegando o segundo plano o sujeito aluno “[...] os resultados enunciados não têm por objetivo auxiliar a ação educativa no seu cotidiano, mas garantir aos pais e à escola que as atividades estão se desenvolvendo e que a criança os está realizando” (HOFFMANN, 2001, p. 82).

E o que ocorre na prática é que mesmo não vivendo a obrigatoriedade com relação à atribuição de notas ou conceitos para as crianças pequenas o que se verifica muitas vezes há ocorrência de ações avaliativas que remetem à ideia de classificação e formalidade presentes no ensino fundamental. Esse fato é comprovado por Hoffmann (1996) onde ela aponta a existência de alguns tipos de avaliação formal na Educação Infantil. Entre eles se destacam os boletins de acompanhamento das crianças, as fichas de avaliação e outros mecanismos. Além disso, há uma grande incidência da avaliação informal, que tem como objetivo controlar e vigiar o comportamento e a disciplina das crianças via ameaças e controles variados.

De acordo com Esteban (1993, p. 22) já refletia sobre as práticas educativas de avaliação na Educação Infantil e escreveu um artigo instigante, através do qual usando uma analogia através do jogo de encaixe demonstra como as crianças desde a pré-escola estão sujeitas a um “padrão predeterminado de desenvolvimento, de aprendizagem e de conteúdos desejáveis”

Ballester (2003, p. 61). Considera que “a grande importância da avaliação na Educação Infantil ocorre pelo papel de instrumento para ajustar continuamente intervenção dos professores à resposta dos alunos” Defende que na Educação Infantil encontram-se três tipos de instrumentos de avaliação, que são as do tipo abertos (diários), semi-estruturados (pauta de observação) e por fim os fechados

(ficha de conduta específica). Acredita que os instrumentos são necessários e válidos, porém chamam a atenção para a importância do conhecimento do mesmo se de como eles dizem sobre a concepção que a escola e os professores têm sobre o ato de avaliar.

Para Bassedas e Solé (1999):

Brinquedos parecidos com Lego, desenvolvimento infantil e destacam a avaliação nesta etapa como tendo sentido através [...] Retratam através de suas ideias a íntima ligação entre avaliação da intervenção, servindo para tomada de decisões educativas, para observar a evolução e o progresso das crianças (p. 173).

Essas definições possibilitam demonstrar o que os autores que focam sua atenção na questão da avaliação nesse segmento pensam e discutem apresentando um importante suporte para a discussão e análise acerca dos sentidos e significados que orientam a prática de avaliação do docente e alunos e suas consequências para o processo de aprendizagem.

Vários teóricos defendem que a avaliação deve ser entendida como um importante mediador do aprendizado. Entre eles, Bassedas e Sole (1999, p. 173) afirmam que “a avaliação pode ser um poderoso instrumento para ajudar aluno a aprender melhor”. Porém, na prática isso nem sempre acontece.

A avaliação, na educação infantil, deve privilegiar os interesses e as necessidades de cada criança, confiar em suas tentativas de aprender erro/acerto, suas descobertas. Com isto nós poderíamos dizer que realmente estamos chegando a um modelo avaliativo centrado na criança e no processo pedagógico, e que tal modelo ajudará a formar o adulto de amanhã.

Podemos perceber, contudo, que na Educação Infantil a avaliação se pauta basicamente pela observação e registro. Uma perspectiva de acompanhamento do processo de desenvolvimento pode ser apontada na seguinte direção. Conforme Vasconcellos (1994):

Observação da criança fundamentada no conhecimento de suas etapas de desenvolvimento. Oportunizarão de novos desafios com base na observação e reflexão teórica. Registro das manifestações das crianças e de aspectos significativos de seu desenvolvimento. Diálogo frequente e sistemático entre os adultos que lidam com a criança e os pais ou responsáveis. No caso de comunicação aos pais, é muito mais significativo o parecer descritivo (relatório) do desenvolvimento da criança, que a emissão de conceitos ou menções (p. 59).

Caso o professor e/ou instituição escolar consiga por em prática tal proposta, este (a), estará realmente realizando um ato avaliativo, e proporcionando o desenvolvimento integral da criança.

Conforme Hoffmann (2001) avaliar vai além de olharmos as crianças como seres meramente observados, ou seja, a intenção pedagógica avaliativa dará condições para o professor ou professora criar objetivos e planejar atividades adequadas, dando assim um real ponto de partida para esta observação, tornam-se clara a necessidade de se construir conhecimentos e reflexão por parte de professores educadores acerca do processo avaliativo formal na Educação Infantil.

A grande importância da avaliação na educação infantil é observar o desenvolvimento das crianças, e o professor de estar revendo suas práticas pedagógicas, portando a avaliação na educação infantil é o acompanhamento na busca do desenvolvimento da criança buscando sua autonomia como ser construtivista.

A importância da avaliação na educação infantil é enfatizada por Nicolau (1986), pois:

A avaliação deve ser um instrumento para o educador reformular a ação educativa que exerce, de modo a contribuir decisivamente para o desenvolvimento integral do potencial infantil. Especialmente na pré-escola, antes de nos preocuparmos em avaliar a criança, temos de desafiá-la para que desenvolva o seu potencial. Em vez de rotular a criança a partir do que ela ainda não faz, devemos partir daquilo que já é capaz de fazer, para ajudá-la a fazer o que certamente aprenderá (p. 289).

É necessário que o professor repense sua prática pedagógica, sua concepção de aprendizagem, buscando formas de ajudar as crianças em seu desenvolvimento. Neste contexto a avaliação deve ser formativa, pois o professor deve observar suas dificuldades no dia-a-dia e trabalhando-as suas dificuldades, criando oportunidades para a criança vai se aperfeiçoando em suas habilidades e conhecimentos.

De acordo com a LDB, no art. 9º diz que (BRASIL, 1996):

Na Educação Infantil, a avaliação não tem caráter de promoção, visa diagnosticar e acompanhar o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos – LDB/96. Parecer descritivo – objetivo avaliação integral da criança. Instrumento para o professor (observação, anedotário, diário de bordo, entrevista, portfólio, auto-avaliação).

Observar e avaliar a nossa própria forma de atuar, estar cuidadoso ao comportamento da criança, à sua forma de pensar, os seus interesses e atuar positivamente para que ela supere as próprias dificuldades, tem muito a ver com o processo de avaliação e com a educação de boa qualidade.

Nicolau (1986) nos diz que,

para a criança superar as suas possíveis dificuldades, nada melhor que ser desafiada a agir e, ao mesmo tempo, ser informada acerca do seu desempenho. As sugestões apresentadas pelo educador irão oferecer pistas que ajudarão a criança a fazer, por si só, os ajustes no seu comportamento (p. 290).

De acordo com Santa Catarina (2005):

Observações de escritas, trabalhos, organizações de diários coletivos, painéis, álbuns, elaboração de portfólio. Esses materiais devem se tornar meios da sistemática constante no processo educacional e deverão criar uma nova atitude, interpretada à luz da reflexão de uma prática em conjunto com o grupo de crianças, educadoras(es) e famílias. Além disso, vale lembrar que a avaliação precisa ser diagnosticada, processual e formativa, comprometida com uma aprendizagem inclusiva, em que todas as crianças tenham a oportunidade de aprender de fato (p. 65).

A importância da avaliação é a observação, verificando como as crianças estão situadas em sala de aula, e a partir de conhecimentos já adquiridos, a criança irá aprender novos conceitos, novas aprendizagens, que lhe serão úteis durante o decorrer de sua vida, cabe ao professor ampliá-lo de uma forma processual durante o ano letivo, usando métodos diversificados, pois o professor deve criar condições para que as crianças aprendam novos conhecimentos, deve também observar atentamente seus gestos e atitudes, temos que prepará-los para o futuro, intervindo em suas práticas pedagógicas. O “avaliar” significa perceber, identificar onde “eu” o professor posso melhorar para que minha criança tenha um melhor entendimento, qual método ela se identifica mais, cabendo o professor buscar essas práticas pedagógicas diversificadas para uma melhor qualidade na educação de nossas crianças.

Na Educação Infantil haverá momentos em que o professor encontrará dificuldades em realizar a avaliação da criança no seu processo de aprendizagem, ele deve buscar maneiras que possibilitem uma melhor análise do desenvolvimento da criança. Para isso o professor adota algumas ferramentas para realizar esse tipo

de avaliação, como: a observação, o registro, o portfólio, veremos a seguir como introduzir esses métodos no cotidiano na educação infantil.

A avaliação, na educação infantil, deve privilegiar os interesses e as necessidades de cada criança, confiar em suas tentativas de aprender erro/acerto, valorizar suas descobertas. Com isto nós poderíamos dizer que realmente estamos chegando a um modelo avaliativo centrado na criança e no processo pedagógico, e que tal modelo ajudará a formar o adulto de amanhã.

3 CONCLUSÃO

Um dos principais objetivos desta pesquisa foi compreender como os educadores desenvolvem o processo de avaliação da aprendizagem com crianças na educação infantil, verificando as concepções de avaliação que norteiam suas práticas pedagógicas, e os instrumentos/procedimentos que utilizam para avaliar a aprendizagem das crianças. Para os educadores, o significado da avaliação é a observação das crianças no ambiente escolar e a verificação dos seus conhecimentos, destacando que a avaliação é um processo muito importante no processo de aprendizagem.

Os resultados apresentados comprovaram que na Educação Infantil os processos avaliativos devem ser pautados na organização pedagógica docente e principalmente na capacidade do professor de estar atento às descobertas, potencialidades e a forma como as crianças pensam nessa fase tão especial da vida. Para isso, são necessários espaços pedagógicos adequados, um planejamento que contemple as especificidades e as necessidades da idade, além de um modelo de avaliação que valorize o cotidiano e o registro. Essas ações são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia, criatividade e conhecimento.

Essa pesquisa de cunho bibliográfico foi importante por trazer a luz esse tema pertinente e atual na educação. A partir dos tópicos discutidos, pode-se refletir melhor sobre a avaliação na educação infantil, de forma a analisar as práticas avaliativas exercidas em sala de aula e buscar uma maneira mais adequada e significativa de avaliar nossas crianças.

REFERÊNCIAS

- BLAYA, Carolina. **Processo de Avaliação**. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004_07_20_tex.htm>. Acesso em: Out. de 2014.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996** - Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC/SEF, 1996.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.: il.
- BALLESTER, M. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Art Med, 2003.
- BASSEDAS, Eulália; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- DAVIS, Claudia e GROSBAUM, Wolak Marta. **Gestão da escola: a avaliação não é o que muita gente pensa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DIDONET, Vital. Coerência entre avaliação e finalidades da educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre, ano, IV, n. 10. mar/jun., 2006.
- ESTEBAN, M. T **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 1993. p. 7-29.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Transformar o mundo**. São Paulo: FTD, 1991.
- GIL, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior** São Paulo: Atlas, 2006.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 18. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 18.ed Porto Alegre: Mediação, 2000. 200 p.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 10.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. 82 p.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento**. 2006. Disponível em: <<http://crmariocovas.sp.gov.br>>. Acesso em: Abr. 2014.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar para Promover**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KRAMER, Sônia. **Com a pré - escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a Educação Infantil. São Paulo: Ática,1993.

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. Avaliação da aprendizagem como construção do saber. **Revista eletrônica: Educación Superior... Investigaciones y Debates**, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96974>>. Acesso em: Set. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez,1994.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.180p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 6. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação pedagógica**: função e necessidade. 2.ed Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999,

NICOLAU, Marieta Lucia Machado. **A educação pré-escolar** fundamentos e didática. 2ed. São Paulo: Ed. Ática, 1986. 320 p.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999. 183 p.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?** Critérios e instrumentos. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Estudos temáticos. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia/ IOESC, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1975.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação da aprendizagem**: práticas de mudança. São Paulo: Libertad, 1994.

WIKIPÉDIA. **Avaliação**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: Set. de 2014.

ZALBAZA, Miguel. Os diferentes âmbitos da avaliação. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, ano IV, n. 10, mar/jun., 2006.